



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO IV N.º 39
FEVEREIRO DE 1961

Composição e impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= BRAUA =

CENTRO PAROQUIAL

VAMOS COMEÇAR

No dia 5 de Fevereiro de 1961, reuniu a Comissão das Obras para o Centro Paroquial a fim de se proceder à abertura das propostas dos empreiteiros da obra de pedreiro. Assistiu o Senhor Engenheiro Júlio de Brito, grande amigo e fervoroso animador do nosso empreendimento.

Das seis propostas apresentadas, foi escolhida a do Sr. José de Faria Rodrigues, de S. Bartolomeu do Mar, que apresentou um orçamento para 86 800\$00 e se comprometeu a dar a empreitada pronta no prazo de seis meses.

É, pois, certo: — Vamos começar! Praise a Deus que comecemos com Ele que é o mais sólido fundamento de todas as obras.

Entretanto, o entusiasmo não esmorece e começa até a dar provas práticas. Começo a ter indícios seguros de que *todos* estão preparados para a generosidade até ao sacrifício.

Há dias um Senhor que veio ser padrinho de uma criança, preveniu-me:

— Não se admire do meu silêncio acerca das obras. É que tenho lá uma vitela que será inteirinha para elas. Mal a venda, cá estará o dinheiro!

— Então deixe estar. Deixe-a crescer, que, sendo assim, não perdemos com a demora — respondi eu, enquanto tinha um pensamento de admiração para tão lindo gesto de generosidade.

Um outro, ainda antes do S. Miguel, veio avizar-me:

— A minha parte para o Salão será o rendimento de *tal* leira (e não é pequena).

E cumpriu. Há tempos veio entregar totalmente o rendimento de *tal* propriedade.

Mas há mais. É o caso das raparigas que de maneira alguma querem ficar em

silêncio. Por isso já gritaram bem alto a sua adesão e o seu apoio, fazendo uma subscrição entre elas que rendeu a linda soma de 1708\$00. Se nos lembrar-nos que é gente sem bolsa própria, é caso para admiração e louvor.

— Os rapazes não quiseram ficar atrás e também falaram. Mil cento e cinquenta escudos, foi o resultado da sua generosa eloquência. Bravo, rapazes! Continuai a cantar!

(Continua na 3.ª página)

Para as Raparigas de S. Paio

Hoje, falo para a juventude feminina desta terra de S. Paio. Sois tantas que se fôsseis verdadeiramente boas, nem eu sei o bem que poderíeis espalhar à vossa volta. Vós, raparigas de hoje e mulheres de amanhã, tendes no coração uma força que vos impele para o bem, para o amor verdadeiro, para a generosidade, para a caridade abnegada e pura. E isto é a vossa força, a vossa superioridade.

Cuidado, muito cuidado, para não transformar esta força em fraqueza e esta superioridade em motivo de escravidão.

E isso sucederá, se não souberdes elevar os vossos ideais, colocar bem alto o objecto do vosso amor, se a finalidade da vossa vida afectiva for simplesmente a satisfação da carne e dos sentidos.

E isso sucederá se, como estouvadas borboletas, deixardes queimar no fogo dos maus desejos, dos sonhos inúteis ou das paixões ruins, as asas brancas da vossa inocência e candura.

Que a natural simpatia e atracção que irradiais não arrastem para o mal os que de vós se aproximam, mas se elevem nos seus pensamentos,

(Continua na 3.ª página)

Subsídios para a História de S. Paio

Ainda o Cemitério do Monte

A descoberta do Cemitério de Talhós fornece nos três elementos que é preciso tomar em conta para que o tentemos datar: o sistema de construção das sepulturas, os vasos nelas encontrados e o esqueleto do « Santinho da Bouça ».

O tipo das sepulturas do Cemitério do Monte — caixa quadrangular de pedra, lousã ou lascas de xisto — é conhecido na arqueologia pelo nome de « Cista » e foi usado na Península sobretudo na época do Bronze, que o mesmo é dizer em 1.800 antes de Cristo e na primeira Idade do ferro (750 anos antes de Cristo).

Ao contrário das mamoas, antas ou antelas que eram sepulturas colectivas as cistas destinavam-se ordinariamente a receber as ossadas de um só indivíduo, como bem se viu no cemitério do Monte.

A sepultura individual denota progresso e evolução na crença religiosa do povo. Mas estas sepulturas, como já foi dito continham à cabeceira do defunto, pequenos vasos de barro, a que o povo chamou pias e razão tinha para o fazer que não pareciam outra coisa. Foi o mais completo achado de vasos desse tipo, descoberto em Portugal. Sete dos nove vasos deste cemitério que se encontram no Museu de Antropologia do Porto, são em forma de chapéu redondo voltado para cima, de forma semi-ovoide e base convexa por conseguinte e rebordo horizontal largo. Apenas um deles apresenta uma base plana. São por conseguinte vasos que dificilmente se seguram direitos no chão, a não ser que este seja de areia ou terra mole.

Todos são de fabrico manual e o barro é amarelado, a revelar o primitivismo da confecção e com fragmentos de mica à mistura como na cerâmica castreja.

Sobre o bordo, à excepção de um, todos apresentam ornamentos geométricos, com linhas paralelas e alternadas, muito semelhantes a outros dois encontrados no castro do monte da Cidade de que ainda havemos de falar e que se encontram no Museu Etnológico de Lisboa.

A altura dos diferentes vasos vai de 7 a 10^{cm}; o diâmetro do bordo — de 8 a 19^{cm},5; o diâmetro da boca de 5,5 a 14^{cm}; a largura do bordo vai de 1,5 a 3^{cm},5.

Estes vasos se bem que conhecidos na arqueologia, nomeadamente na arqueolo-

gia portuguesa, não estão ainda definitivamente datados pelo que o seu contributo para a fixação cronológica do cemitério do Monte terá que ser um pouco conjectural.

Alves Pereira data-os do bronze inicial (cerca de 1.800 anos antes de Cristo), enquanto Leite de Vasconcelos os fixa no fim do neolítico (2 000 anos antes de Cristo). José Fontes dá-lhe uma data posterior pois no castro luso-romano de Terroso encontrou restos de cerâmica deste tipo.

Por outro lado a sua morfologia primitiva assemelha os à cerâmica eneolítica que teve a sua época desde 2.000 a 1.800 anos antes de Cristo, para falarmos em números redondos.

Do esqueleto do nosso « Santinho da Bouça » pouco mais se pode adiantar, que não apresenta características especiais.

Os antropólogos que o estudaram viram apenas nele certas semelhanças com os esqueletos eneolíticos de Cascais, Cezeira e Refugidos.

Estes três dados estão pois pouco mais ou menos concordes e levam-nos a conjecturar que a velha necrópole de S. Paio de Antas data de uma época pouco posterior ao eneolítico, tanto mais que se não encontraram nessas sepulturas objectos de metal; que começaram a ser utilizados depois dessa época. Quer dizer: o cemitério do Monte será de 2.000 a 1.800 anos antes de Cristo. Não é pois de modo nenhum o cemitério da antiga igreja de Sovaló como o povo foi levado a concluir quando o cemitério apareceu. O cemitério de Sovaló se existiu e se ainda existe, está ainda por descobrir.

Por conseguinte à volta do século 20 antes de Cristo deve ter existido ali pelos lugares do Monte uma povoação cuja gente se enterrou em Talhós.

Assim se vai aclarando o passado das velhas terras de S. Paio: Em Guilheta apareceram instrumentos usados à volta de 5.000 anos antes de Cristo (picos asturienses); no monte de Antas e na Caixa de Água, mamoas de 2.500 anos antes de Cristo e agora em Talhós uma necrópole com cistos e vasos de 2.000 ou 1.800 anos antes de Cristo. Mas não foram esses os únicos lugares habitados em S. Paio nesses séculos esquecidos antes da vinda de Cristo. Ali perto no alto do Monte da Cidade

Esmola do Ovo Para as Raparigas de S. Paio

1960

Lugares	Importâncias
S. Paio de Cima	59\$90
Igreja	111\$00
Monte	647\$00
Pereira	249\$80
Azevedo	795\$80
Estrada	304\$60
Guilheta	1.303\$80
Belinho	737\$20
Total	4.209\$10

Quatro contos e pico já não é pouco dinheiro! Pois tudo isto foi conseguido quase insensivelmente, sem custo e sem canseira para vós. Semana após semana, escudo após escudo (ou ovo após ovo) e a linda soma aqui está a animar-nos a prosseguir neste interessante trabalho. Atenção, pois, às galinhas e aos ovos que elas põem, porque a cobrança continuará mais cuidadosa e animada do que nunca. Mais uma vez se provou que *muitos poucos fazem muito*.

Recebemos

Carlos da Costa Cruz - Argentina.	100\$00
Albino Pereira de Sá	50\$00
Albino F. de Azevedo - Moçambique	100\$00
Amânnio Faria Rolo - Canadá	700\$00
Maria Olinda R. Enes - Areosa	20\$00
Augusto Cruz Caseiro - França	100\$00
António Dias	50\$00
Albino M. da Gama - Areosa	20\$00
Engrácia Marques - Areosa	20\$00
Manuel Alves da Costa - Anjeiras	50\$00
Anselmo Alves Caseiro - Lisboa	50\$00
Manuel António Simões - Argentina	50\$00

Muito obrigado e que Deus vos ajude.

não passou muito tempo que por ali se não acomodasse gente viva. Era o castro da Cidade a que o povo chama Casas dos Mouros.

(Continuação da 1.ª página)

nos seus desejos, sonhos e ideais. Não provoquais incêndios cujas primeiras vítimas seríeis vós!

Naturalmente, quase todas sonhais com um lar onde possais amar, servir e ser rainhas. Pois então, sabeis merecê-lo! Preparai-vos para ele seriamente e com dignidade! Não brinquéis com coisas sérias! Quero dizer: tende cuidado com o namoro que, se pode ser preparação prudente para um grande passo da vossa vida, pode também transformar-se em sepultura da vossa felicidade.

Dai exemplo de virtude, de modéstia, de pureza, de dignidade e seriedade em todos os aspectos da vossa vida: no falar, no vestir, nas atitudes, na educação e respeito devido aos que tratam convosco.

Irradiai o bem à vossa volta! Sede apóstolas de palavra e de acção e Deus será convosco em toda a vossa vida.

Centro Paroquial

(Continuação da 1.ª página)

Também os do lugar de Guilheta, sempre generosos e sempre prontos a marcar presença, organizaram uma cantoria que rendeu para as obras paroquiais 508\$00.

— Não se admire do meu silêncio — dizia-me o Senhor da vitela.

Não. Eu não me admiro com o silêncio de ninguém, porque bem sei que todos hão-de falar e a sua palavra hão-de ser uma palavra eloquente, generosa e sacrificada!

Sim, sacrificada! As paredes do nosso Salão só ficarão bem seguras se forem argamassadas no sacrifício de todos nós.

Retiro para Raparigas

Entre os dias 10 e 13 deste mês realizou-se nesta freguesia um retiro para raparigas. Tomaram parte 61 exercitantes, todas de S. Paio, que fervorosamente seguiram os diversos passos do regulamento. Pregou o Senhor P.^e Amândio Rios.

Fazemos votos de que os propósitos feitos se mantenham através da vida de cada dia numa demonstração constante de vida verdadeiramente cristã.

Preciso será que os que não fizeram retiro, não só não contribuam para a quebra desses propósitos mas também criem o ambiente necessário para os manter.

Um obrigado sincero às pessoas que tornaram possível a sua realização.

— NOTICIÁRIO —

Casamentos

Manuel Fernandes da Costa, do lugar da Estrada e Maria Celeste de Abreu Rolo, do lugar de Guilheta, contraíram matrimónio a 28-1.

Ilídio da Costa Soares, do lugar do Monte e Maria Olinda Martins Baptista, natural de Palme e residente nesta, contraíram matrimónio a 4-2.

Manuel Lourenço Pereira e Paulina Alves Moreira, do lugar de Guilheta, contraíram matrimónio a 4-2.

Baptizados

Ermelinda Alvarães Laranjeira, filha de Manuel Augusto Meira de Laranjeira e de Maria Inésia Ferreira Maia Alvarães, residentes no lugar de Belinho, foi baptizada a 15-1.

Manuel de Jesus Torres Caramalho, filho de David Gonçalves Caramalho e de Cândida Maltez Torres, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 15-1 e confirmado a 12-2.

Marília da Costa Laranjeira, filha de Albino Rodrigues Laranjeira e de Maria Emília Martins da Costa, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 15-1.

Manuel Lopes Ferreira, filho de Manuel Pereira Ferreira e de Maria Cândida Fernandes Lopes, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 22-1.

Maria Adelaide Viana Laranjeira, filha de Manuel Meira Laranjeira e de Maria Celina da Cruz Viana, residentes no lugar de Belinho, foi baptizada a 22-1.

José da Rocha Rolo, filho de Serafim Meira Rolo e de Maria Emília Gramosa da Rocha, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 29-1.

António da Cruz Rolo, filho de Augusto Alves Rolo e de Cândida Alves da Cruz, residentes no lugar de Cima, foi baptizado a 29-1.

Manuel Joaquim Lapeiro Gregório, filho de José Ferreira Gregório e de Maria Celina Ribeiro Neves Lapeiro, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 5-2.

José Miguel Maia Alvarães, filho de Manuel Ferreira Alvarães e de Maria Noémia Ferreira Maia Alvarães, residentes no lugar de Belinho, foi baptizado a 8-2.

João Cardante da Cunha, filho de Manuel Alves da Cunha e de Maria Pereira Cardante, foi baptizado a 12-2.

Adelaide Caseiro Baeta, filha de Manuel Barbosa Baeta e de Celina de Sousa Caseiro, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizada a 12-2.

Martinho Viana Saleiro, filho de José Afonso Vaz Saleiro e de Maria de Lurdes Pereira Viana, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizado a 12-2.

Maria Iria Daniel de Gregório, filha de Augusto Ferreira de Gregório e de Maria Celeste Alves Daniel, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizada a 18-2.

José Viana da Cruz, filho de Manuel Afonso da Cruz e de Cândida da Cruz Viana, residentes no lugar da Igreja, foi baptizado a 12-2.

2 de Fevereiro

Neste dia, festa da Purificação de Nossa Senhora, teve lugar na nossa Igreja a tocante cerimónia da bênção das crianças e suas mães. Que esta bênção fortaleça as mães no cumprimento da sua grande missão e que os filhos, à semelhança do Menino Jesus, cresçam em idade e em graça diante de Deus e dos homens.

Partiram

Muitos dos que da França vieram passar o Natal entre nós já regressaram ao seu trabalho. Para lá partiu, este pela primeira vez, José Ferreira de Gregório.

A este e aos que já lá se encontram lembro que existe em Paris a Missão Católica Portuguesa que tem por fim dar assistência espiritual aos emigrantes de Portugal. A direcção é a seguinte - Mission Portugaise - 41, Avenue Duquesne, Paris (7^e).

- Para o Brasil, depois de seis meses de férias em S. Paio, partiu Nereides Martins Meira.

- De lá regressou, há tempos, António Alves de Faria.

Para os partiram as bênçãos do Reitor, para o que chegou, as boas-vindas.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica